



A PERCEPÇÃO DE ALGUMAS ALUNAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ZOOTECNIA DA FAEM/UFPEL SOBRE O “BOM PROFESSOR”

VALENTE, Beatriz Simões¹; RODRIGUES, Carla Gonçalves²; MORAES, Priscila de Oliveira³; XAVIER, Eduardo Gonçalves⁴

¹Doutoranda do PPZG/FAEM/UFPEL; Aluna de Especialização da FAE/UFPEL; Coordenadora do NEMA PEL. bsvalente@terra.com.br

²Prof.^a do Departamento de Ensino da FAE/UFPEL. cgrm@ufpel.tche.br

³Estagiária do Núcleo de Estudos em Meio Ambiente (NEMA PEL)

⁴Prof. Adjunto do DZ/FAEM/UFPEL

1. INTRODUÇÃO

Neste primeiro momento, cabe salientar que quando nos encontramos na posição de aluno, é inevitável que se faça uma avaliação diária do professor, mesmo com critérios advindos da percepção individual ou até mesmo do senso comum. Neste sentido, trabalhando sob o conceito de avaliação, Luckesi (1984, p. 9) a define como “um julgamento de valor sobre características relevantes da realidade, em comparação com um padrão ideal, tendo em vista a realização de uma ação”. Gauthier (1999, p.24) complementa quando lembra que “[...] cada dispositivo do olhar e da observação modifica o objeto de estudo... por isso, nunca estudamos um objeto neutro, mas sempre um objeto implicado, caracterizado pela teoria e pelo dispositivo que permite vê-lo, observá-lo e conhecê-lo”.

De outra forma, sugerimos a exploração do significado de competência, que segundo Perrenoud (1999, p. 7) é a “[...] capacidade de agir eficazmente em determinado tipo de situação, apoiada em conhecimento, mas sem se limitar a eles”. Sendo assim, a idéia de competência é localizada no tempo e no espaço e, mesmo que não de forma explícita, há uma concepção de professor pela sociedade e, mais precisamente, pela comunidade universitária (Cunha, 2007). Ainda, a mesma autora complementa, afirmando que “ela é fruto do jogo de expectativas e das práticas que se aceita como melhores para a universidade contemporânea.

Sendo assim quando utilizamos a expressão “bom professor”, as características que compõem a idéia de “bom” são meramente frutos da percepção dos alunos e também futuros docentes universitários.

Pretendemos através deste estudo, desvendar a idéia de “bom professor” a partir da percepção de algumas alunas do Programa de Pós-Graduação em Zootecnia da FAEM/UFPEL.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo foi realizado com algumas alunas do Programa de Pós-Graduação em Zootecnia da FAEM/UFPEL, durante o período de três meses. Conta, como informantes seis doutorandas graduadas na UFPEL, com título de mestre obtido no PPGZ.

A pesquisa caracteriza-se, predominantemente, como qualitativa do tipo etnográfico. Como instrumento para coleta de dados, utilizamos uma entrevista semi-estruturada, que foi gravada, o que proporcionou uma maior liberdade à manifestação dos respondentes. Os sujeitos foram contatados pessoalmente e individualmente, com o propósito de apresentar-lhes o trabalho que estava sendo desenvolvido, procurando assim dissipar qualquer desconfiança quanto ao uso dos dados e também com o intuito de agendar, de acordo com os seus horários disponíveis, os encontros individuais. Embora todos os sujeitos fossem femininos, o trabalho não se caracteriza por um estudo de gênero.

Para André (1995, p. 111), a pesquisa etnográfica “se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária”. Ainda a mesma autora acrescenta que através das técnicas etnográficas de observação e de entrevistas é possível desvelar os encontros e desencontros que permeiam o cotidiano da prática docente universitária. Além disso, possibilita descrever as ações e representações de seus atores sociais, bem como reconstruir a sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano de seu fazer pedagógico.

O estudo, portanto, incluiu dois tipos de interpretação dos dados. O primeiro permitiu o agrupamento de informações consideradas relevantes, sobre a percepção dos sujeitos á respeito do “bom professor”. O segundo consistiu em buscar as convergências e divergências nas respostas obtidas nas coletas de dados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mesmo que não de forma explícita, o estudo revelou que há uma concepção de professor competente feita pela comunidade universitária, estando localizado no tempo e no espaço (Cunha, 2007), sendo resultado das expectativas e das práticas que se aceita como melhores para o ensino do nosso tempo. Para exemplificar, nos valem das falas das discentes:

“[...] ele tem que conhecer a teoria, tem que ter um pouco de experiência prática. “Acontecia em muitas disciplinas de não ter nada de aula prática, nada. Te davam um conceito, mas não te diziam onde tua ias aplicar aquilo ali, qual a importância prática daquilo ali” (Doutoranda A).

“[...] eu acho que tem que ser aquela pessoa que domina bem o conteúdo, que cita exemplos, que trás a prática para a sala de aula. Se não a gente fica muito na teoria” (Doutoranda F).

“[...] que leva a informação também na prática. O aluno que está sentado, assistindo uma aula ele vai para o mercado de trabalho, então ele não tem que saber só o que está nos livros, ele tem que saber o que é feito na prática. Essa dissociação do que é feito na prática e do que é realmente certo, que muitas vezes a gente aprende tantas coisas durante a graduação e na prática é totalmente diferente o modo como fazem” (Doutoranda E).

No contexto das falas, percebemos que a concepção de bom professor da maioria dos sujeitos, parece estar centrada intrinsecamente na idéia de que “quem tem um conhecimento especializado, quem sabe fazer, sabe automaticamente ensinar”. Para esses alunos, o aprendizado é proporcionado pela associação da teoria com a prática de sua área técnica. Embora Gauthier (1998, p.5) afirme que “[...] o saber disciplinar e o saber experiencial não podem representar sozinhos o saber docente”, para nós fica evidente que unir a teoria e a prática, fazendo com que a teoria ajude a compreender e a transformar a realidade, e a prática, corrobore, ou questione a teoria, é um fomentador do desejo do aluno em aprender.

Em um segundo momento da entrevista, vislumbramos expressões como “integração com os alunos”, “saber compreender” e “[...] aceitar brincadeira”, que parecem enfatizar os aspectos afetivos como sendo característica do “bom professor”. Neste momento, percebemos que cada indivíduo, como sujeito da Educação, apresenta em seu cerne desejos de aproximação. Tardif (2007, p. 13) traz algumas reflexões neste sentido. Em uma delas, o autor afirma que “ensinar é agir com os outros seres humanos”. Por conseguinte, “[...] o saber se manifesta através de relações complexas entre o professor e seus alunos”.

Em outra perspectiva, é importante salientar que um dos respondentes não apontou como melhores professores, os chamados “bonzinhos”. De forma contrária, valorizou o professor exigente, que cobra a participação e tarefas.

“[...] o professor... não quer dizer que ele tem que ser bonzinho sempre e facilitar a vida do aluno. Acho que tu tens que ser rígido, quando tem que ser rígido. [...] ter jogo de cintura quando tu vê que realmente o cara não ta querendo ser malandro, porque tem aqueles que querem passar a “perna no professor”. Tu não passar a mão encima de tudo” (Doutoranda C).

Outra característica abordada pelos respondentes foi a de “ter vocação, o gostar realmente, tu ser apaixonado por isso [...]”. Cunha (2004, p. 527) discorda da idéia, afirmando que

“A concepção da docência como dom carrega um desprestígio da sua condição acadêmica, relegando os conhecimentos pedagógicos a um segundo plano e desvalorizando esse campo na formação do docente de todos os níveis, mas, principalmente, o universitário”.

Em outro momento, os sujeitos deste estudo, também se referiram, como sendo característica de “bom professor”, uma prática social global e complexa, interativa e simbólica, que Tardif (2007, p. 148), define como pedagogia.

“É aquele que sabe passar de uma forma acessível, que os alunos entendam. [...] fazer com que os alunos aprendam” (Doutoranda D).

“Tem que ter um pouco de didática. Eu estou fazendo estatística e o professor não tem uma sequência na explicação dos conteúdos” (Doutoranda F).

3. CONCLUSÕES

Para as alunas entrevistadas o “bom professor” é aquele que domina o conteúdo teórico-prático de sua área específica, escolhe formas adequadas de apresentar a matéria, mantém um relacionamento afetivo com o aluno e, ainda apresentam saberes pedagógico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. A contribuição da pesquisa etnográfica para a construção do saber didático. In: OLIVEIRA, M. R. N. S. O. **Didática: ruptura, compromisso e pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1995.
- CUNHA, Maria Isabel da. Diferentes olhares sobre as práticas pedagógicas no ensino superior: a docência e sua formação. **Educação**, n.3, v.54, 2004, p.525-536.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. São Paulo: Papyrus, 2007.
- GAUTHIER, Clermont. Ensinar: ofício estável, identidade profissional vacilante. In: **Por uma teoria da pedagogia**. Ijuí: Editora Unijui, 1998.
- GAUTHIER, Jacques. O que é ensinar – Entre Deleuze-Guattari e o candomblé, pensando mito, ciência, arte e culturas de resistência. **Educação e Sociedade**, n.69, 1999.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Equívocos teóricos na prática educacional**. Série Estudos e Pesquisas da Associação Nacional de Tecnologia Educacional (ABT) n.27, 1984.
- PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2007.